

«Brutal, sinistro, insuportavelmente tenso
e com um final chocante.»

CJ TUDOR,
AUTOR DE O HOMEM DE GIZ



MEDO

A segurança é uma ilusão



C. L. TAYLOR

MAIS DE UM MILHÃO DE LIVROS VENDIDOS

TOP
SEL
LER

Para o meu amigo Scott James,
que nunca recua perante um desafio.

Capítulo 1

Lou

Sábado, 24 março de 2007

Detesta surpresas. De tal forma que, quando o Ben me telefonou para o trabalho na segunda-feira e me disse para não fazer planos para o fim de semana porque me ia fazer uma surpresa, quase lhe desliguei o telefone na cara. No entanto, em vez disso, fingi ficar empolgada.

— Estás bem? — pergunta ele agora. — Não costumavas enjoar em viagens, pois não?

Se estou pálida, não tem nada que ver com o facto de irmos a acelerar pela A2 no velho *VW Golf* do Ben.

— Estou bem — respondo. — Mas gostava que me disseses para onde vamos.

Ele tamborila com um dedo de lado no nariz e sorri.

— Já vais ver.

As coisas entre mim e o Ben não eram para passar da primeira noite. Achei que sairia diretamente da minha cama, e da minha vida, assim que o suor secasse do nosso corpo.

Mas deixou-se ficar. Ficou toda a noite e depois insistiu em levar-me a tomar o pequeno-almoço fora no dia seguinte. Eu disse que sim em parte porque era menos embaraçoso do que dizer que não. E sobretudo porque tinha fome e não tinha nada para comer em casa. Acabámos por ficar no café mais de duas horas. Fiquei a saber

que era designer gráfico por conta própria, que nunca tinha ido a um concerto e que o pai era hipocondríaco. Já ele ficou a saber que eu era filha única, gestora de projetos numa empresa de *e-learning* e que o meu pai tinha morrido recentemente. O Ben estendeu imediatamente a mão por cima da mesa, apertou a minha e disse que lamentava muito. Quando me perguntou se éramos muito próximos, mudei de assunto.

Preciso de voltar lá um dia destes, à casa da minha infância, aos campos verdes de Worcestershire, para limpar a casa e a quinta e pô-la à venda, mas há uma boa razão para lá não voltar há 18 anos.

— Já falta pouco — diz o Ben quando passamos por uma placa que sinaliza Dover/Túnel da Mancha/Canterbury/Chatham. — Então, por acaso já fazes ideia de onde vamos?

O estômago aperta-se-me, mas continuo a fazer um tom animado.

— Canterbury tem uma bela catedral. Não estás a pensar casar comigo, pois não? Não trouxe vestido.

Se o Ben me conhecesse bem, teria percebido que tenho a voz meia oitava acima e que estou com um sorriso demasiado tenso. Perguntaria se me estava a sentir bem em vez de rir e fazer um grajejo sobre a famosa vila de Gretna Green, para onde todos os casais fogem quando querem casar às escondidas. Mas o Ben e eu só nos conhecemos há um mês. Ele mal me conhece.

Tento abafar a minha ansiedade, primeiro acompanhando os Artic Monkeys que o Ben pôs a tocar e depois com conversa de circunstância. À medida que a paisagem passa a voar, discutimos a série em DVD que temos andado a ver até à exaustão na última semana, o último escândalo com uma celebridade que tem feito manchete em todos os jornais e o eclipse lunar. Do ponto de vista lógico, sei que nada tenho a temer. Tenho 32 anos, não 14, e o Ben não me disse para trazer o passaporte. Mas o nó que tenho no estômago continua aqui.

— Já estamos a chegar? — pergunto, enquanto o Ben leva uma garrafa de água aos lábios.

Ele ri, borrifando o volante com uma névoa fina.

— Tens 5 anos?

— Não, só estou impaciente.

— Eu sabia que te devia ter tapado os olhos. Melhor... — dá-me uma cotovelada meiga — devia ter-te amordaçado.

Fico tensa, mas forço uma risada.

— Por favor, diz-me que não gostas dessas esquisitices sadomasoquistas.

— Quem disse que é esquisito?

Mais risadas. Rimos muito. Temos rido muito desde que nos conhecemos, num *pub* do Soho. Eu estava numa festa de despedida do trabalho e tinha acabado de conseguir verter a maior parte do meu copo de vinho tinto para cima do top. O Ben saiu da casa de banho dos homens no momento em que eu me esgueirava para a casa de banho das senhoras, deixando cair a mala com a pressa. Ele ficou à espera lá fora para ma entregar. Era um tipo bem-parecido, simpático e, como eu já estava com os copos, disse que sim quando ele perguntou se me podia oferecer uma bebida.

Há um mês que nos conhecemos. Portanto, dois meses até nos separarmos. Se tanto. Tenho 32 anos e nunca tive uma relação que durasse mais de três meses. Mais cedo ou mais tarde, estrago tudo. É o costume.

Ao deixarmos para trás a M2 na saída 7, a placa indica Canterbury/Dover/Margate/Ramsgate. Não me parece que me esteja a levar para Margate para passar o fim de semana, embora pudesse ser divertido. Por isso, deve ser Canterbury. Tem de ser. Talvez devesse ter posto um vestido branco na mala.

— Por favor, diz-me para onde vamos — suplico.

O Ben sorri, mas não diz nada. Continua a exhibir o mesmo sorriso quando saímos da rotunda para Boughton Bypass e viramos para a A2.

— Não podes espreitar — diz ele quando eu pego no telemóvel. — Se fores ver no *Google Maps*, estragas a surpresa.

Que era exatamente o meu plano.

Aperto com mais força o manípulo da porta quando passamos a toda a velocidade a saída para Canterbury e vislumbro uma placa que indica «Dover 27 km». A única razão para ali irmos seria para apanhar o ferry para Calais. Mas o Ben não me disse para trazer o passaporte. Deve ter descoberto algum idílio ali perto, talvez

uma aldeia piscatória pitoresca, longe da vista dos ferries e dos barcos.

— Estamos quase lá — diz ele ao passarmos por dentro de Dover e vemos uma extensão cinzenta de mar aparecer por entre os edifícios. — Acredita, vais adorar.

Acredita. Precisas de acreditar em mim, Lou. Eu protejo-te, prometo. Amo-te. Sabes isso, não sabes?

— Ben.

Estamos apenas a cerca de duzentos metros do terminal de ferries, uma laje cinzenta levantada sobre o mar. Passamos pela beira-mar e o Ben abranda à medida que nos aproximamos dos portões da alfândega.

— Ben, eu...

— Não te preocupes. — Abranda até parar quando chegamos à fila. — Tenho o teu passaporte. Não me mates, mas tirei-to da gaveta da secretária quando estavas a fazer o jantar na outra...

— Não posso fazer isto.

— O quê?

Tento abrir a porta do passageiro, mas não abre.

— Lou?

Tento outra vez. E mais uma vez. Puxo. Largo. Puxo. Largo. O bocado de plástico preto abana para trás e para a frente, mas a porta não abre. Ele trancou-me cá dentro.

Vai correr tudo bem, Lou. Era o que nós queríamos. Só tu e eu. Uma vida nova. Um novo começo num sítio onde ninguém nos julgue. Podemos ficar juntos para sempre.

Tento a janela. Se a abrir, desapertar o cinto de segurança e me inclinar para fora, vou conseguir abrir a porta por fora. Assim poderei sair.

— Lou?

Tento puxar o manípulo da porta do passageiro, mas tenho a mão suada e desliza-me debaixo dos dedos.

— Vais vomitar ou quê? Já abri a porta. Desculpa, é o fecho central e...

Uma lufada de vento frio põe-me o cabelo em desalinho quando salto do carro. Numa questão de segundos, tenho outra vez 14 anos.

O Mike é o amor da minha vida e eu o amor da vida dele. Vai levar-me a França para passarmos o fim de semana. Esta manhã vesti o uniforme da escola como de costume, mas em vez de seguir até à escola, saí uma paragem antes na esquina de Holy Lane. O Mike estava à espera no carro. Disse-me para pôr na mochila alguns artigos de higiene, uma muda de roupa e o passaporte. E que do resto tratava ele.

Capítulo 2

Wendy

Domingo, 8 de abril de 2007

— **M**onty! — Wendy Harrison pousa a pá, sacode a terra das luvas de jardinagem e levanta-se. — *Monty*, estou a ir para dentro!

Ao ouvir a voz dela, o *springer spaniel* malhado sai dos arbustos aos saltos e atravessa a relva na direção da dona, com a língua rosada de fora.

— Olá, *Monts* — cumprimenta-o Wendy, com uma festinha na cabeça. — Acho que ambos merecemos um mimo, não achas?

As orelhas arrebitam-se-lhe ao ouvir a palavra «mimo» e o cão caminha obedientemente ao lado da dona, nunca tirando os olhos da cara dela, enquanto ela se dirige para dentro da pequena casa geminada na extremidade de Great Malvern.

Wendy dá uma dentada na bolacha de baunilha, mastiga, engole e depois põe a outra metade na boca. Quando essa metade desaparece, bebe o chá e pega noutra bolacha. Só ia comer uma. Até o tinha escrito no diário *Slimming World*¹ — bolacha de

¹ *Slimming World* é uma popular organização britânica que tem como objetivo ajudar à perda de peso através de programas de gestão de peso com base no estilo de vida dos utilizadores. *Syns* é o diminutivo de *synergies* (*sinergias*), elementos restringidos no plano alimentar, mas com conotação de mimos, e que possuem uma determinada pontuação; apenas se pode ingerir um determinado número máximo de *syns* por dia. [N. T.]

baunilha, 3 *syns* — mas, sem saber como, metade do pacote desaparecera.

Que se lixe, pensa, ao deslocar o dedo sobre o rato do portátil. *Amanhã começo outra vez.*

Há uma hora que anda a saltar para a frente e para trás entre duas plataformas — *Facebook* e *Twitter*. É já a quarta vez que inicia sessão e ainda são 14 horas. Tenta distrair-se — com a jardinagem, o trabalho de contabilidade que faz em part-time e a passear o *Monty* —, mas o pensamento foge-lhe sempre para aqueles sites. Será que já postaram alguma coisa nova? Uma atualização, fotografia ou local? O pânico tolhe-lhe o estômago. E se a informação for apagada antes de a conseguir ler? E se lhe escapar alguma coisa importante?

Não se lembra do que a levou a procurar Lou Wandsworth no *Google* pela primeira vez. Pode ter sido uma conversa ocasional que teve com a amiga Angela sobre encontrar uma antiga colega de escola no *Facebook*, um artigo que leu no jornal, ou talvez estivesse a ter um daqueles dias em que acordava sentindo que uma nuvem negra se instalara no seu cérebro e nada lhe trazia alegria, nem sequer quando o *Monty* lhe deitava a cabeça no joelho e ficava a olhar para ela com os seus olhos castanhos tão expressivos.

Wendy não demorou muito a encontrar Lou. Era a única Louise Wandsworth no *Facebook*. O problema é que só lhe conseguia ver o nome, uma imagem de uma personagem dos desenhos animados como foto do seu perfil e uma lista de amigos. Mais nada. Angela tinha-lhe mostrado como fazer a sua própria página do *Facebook*, mas não podia usá-la para se fazer amiga de Lou no *Facebook*. Em vez disso, criou uma nova página sob o nome de Saskia Kennedy e adicionou algumas fotos de uma mulher que tinha encontrado online que era mais ou menos da idade de Lou.

O coração de Wendy batia-lhe com força no peito quando clicou na opção «adicionar amigo». Mas nada aconteceu. O pedido foi ignorado. Passaram-se dias, e depois semanas. Pesquisou então no *Google*: «Como conseguir que alguém aceite um pedido de amizade no *Facebook*.»

Descobriu que parecia suspeito se não se tivesse muitos amigos, ou se não tivesse amigos em comum com a pessoa com quem

queria travar amizade, por isso pôs-se a acrescentar pessoas ao acaso que viviam em Londres e que pareciam ter mais ou menos a mesma idade de Louise. Os homens eram fáceis — a mulher da sua foto de perfil falsa era atraente —, mas demorou um pouco mais para as mulheres começarem a aceitar os seus pedidos. Quando já tinha 50 amigos e o mural cheio de piadas, fotografias tontas e o mesmo tipo de atualizações que os seus «contemporâneos», tentou convidar alguns dos amigos de Lou. Para sua surpresa, aceitaram-na, pelo menos meia dúzia deles. Quando tentou convidar Lou pela segunda vez, o pedido de amizade foi aceite.

Conseguira entrar.

Rejubilou ao clicar nos álbuns de fotografias de Lou. Depois de todos aqueles meses a fazer trabalho de detetive, finalmente encontrara o que procurava. Não apenas uma fotografia dela, mas dúzias delas. Lou tinha o cabelo castanho comprido, preso num rabo de cavalo. Maquilhagem subtil à volta dos olhos, mas sem batom. Magra, mas não de uma maneira atraente. O casaco caía-lhe dos ombros e a saia sem forma ficava-lhe abaixo dos joelhos. As faces tinham um aspeto esquelético e emaciado, apesar da idade — a cara era encovada, como a de um maratonista ou a de quem fazia a dieta da revista *Slimming World* e perdia 25 ou 30 quilos numa questão de meses.

À medida que Wendy ia clicando nas fotos, instalou-se-lhe um peso no estômago. Lou podia não ser convencionalmente bonita, mas estava sempre rodeada de pessoas. Havia fotografias dela em bares mal iluminados, a brindar com cocktails com amigos de pele luminosa. Imagens dela a mergulhar no mar numa praia paradisíaca, e nem um grama de gordura aparecia debaixo do biquíni. Lou, triunfante no topo de uma montanha com um impermeável com capuz bem apertado à volta da cabeça. Lou, de vestido elegante, um pé levantado para trás como uma estrela dos anos 50, beijando um homem de cabelo escuro vestido à Clark Gable. Era exuberante, amada, viajada e feliz. Tudo o que Wendy não era.

Wendy não voltou ao *Facebook* durante uma semana depois daquela primeira descoberta. Nem sequer abria o portátil. Só de passar por ele ficava doente.

Mas depois a curiosidade levou a melhor.

«Vou só dar uma espreitadela», dissera ela ao *Monty*, instalando-se à mesa da sala de jantar e abrindo o portátil. «Depois paro.»

Isso fora há sete meses.

— Dá-me só um segundo, *Monty* — disse Wendy, enquanto o cão lhe chamava a atenção tocando-lhe no joelho. — Já vamos passear daqui a nada.

Pegou numa bolacha de baunilha e levou-a à boca. Lá fora, nuvens escuras adensavam-se no céu. Se não saíssem naquele momento, podiam preparar-se para um passeio molhado. *Vou atualizar a página uma última vez*, disse Wendy a si própria ao clicar no rato, *e depois vou buscar o casaco*.

O que viu no ecrã fê-la inspirar com tanta força que um pedaço de bolacha lhe desceu pela traqueia, fazendo-a tossir. Lou acabara de atualizar a sua página do *Facebook*.

«Consegui o emprego em Malvern e vou mudar-me para lá dentro de um mês. Londres, vou ter saudades tuas.»

Capítulo 3

Lou

Sábado, 21 de abril de 2007

Passei o último mês a tentar preparar-me para este momento, mas nada me podia ter preparado para a nuvem de recordações que desce sobre mim ao ver Malvern Hills, curvando-se como as costas de um dragão, enquanto desço a A4440: lembro-me de mim a comprar rebuçados em sacos de papel branco no Morley's, rindo das raparigas do colégio interno local com as suas capas à «Batman», a caminhar até St. Anne's Well com a mãe e o pai com a sensação de que estava a subir uma montanha, a entrar no The Martial Arts Club pela primeira vez — estava numa pilha. Ocorre-me uma imagem do Mike a sorrir e a estender-me a mão num gesto de boas-vindas. Tento esquecê-la, concentrando-me na estrada enquanto passo por Malvern a toda a velocidade e entro na A4103 em direção a Acton Green. Não é uma viagem que já tenha feito, fiz o exame em Londres, mas a estrada está-me gravada na memória, de todas as vezes que o pai me levou e foi buscar às aulas de karaté. O telemóvel dá sinal quando estou a passar pelo pouso preferido do meu pai para beber um copo, The Dog and Duck. Pego nele, esperando que seja uma mensagem do Ben, mas sabendo que não será.

Não sei nada dele desde aquela tarde horrível em Dover há quatro semanas. Apanhou-me depois de eu fugir, a cerca de um quilómetro, à beira-mar.

«Louise?», disse ele, abandonando o carro numa linha amarela dupla e correndo atrás de mim, agarrando-me pela mão e forçando-me a parar. «O que se passa? O que foi?»

Abanei a cabeça, odiando-me pelo que estava prestes a fazer.

«O que foi?», insistiu ele. «O que é que aconteceu?»

Quando eu lhe disse que achava que não devíamos continuar a ver-nos, a expressão de preocupação que o Ben tinha na cara transformou-se em confusão. Porquê, queria ele saber. O que tinha feito de errado?

«Nada», disse eu. «Absolutamente nada.»

Perscrutou-me o rosto em busca de uma resposta.

«Então, porquê?»

Não conseguia dizer-lhe. Passei os últimos 18 anos a fingir que o Mike Hughes não existia. Em vez disso, murmurei qualquer coisa sobre como a relação estava a ir demasiado depressa e que não estava preparada para algo tão sério. Queríamos coisas diferentes.

Chorei no comboio de regresso a Londres, virando a cara para a janela para que o homem sentado ao meu lado não me visse as lágrimas. O Ben não merecia o que tinha acabado de acontecer. Nem nenhum dos homens que eu tinha deixado, de quem tinha fugido ou a quem mentira. Se não enfrentasse o que me tinha acontecido quando tinha 14 anos, iria passar o resto da vida sozinha.

Espreito o telemóvel. É uma mensagem da minha melhor amiga, a Alice, perguntando se tinha chegado bem a casa do meu pai. Volto a deixar cair o telemóvel no banco do passageiro e faço pisca para a esquerda, seguindo a estrada para Ledbury — e para a casa do Mike — em vez de continuar para Acton Green. Nunca fui a casa dele. Porque havia de o ter feito? Ele era um membro respeitado da comunidade, um professor de karaté que angariava bom dinheiro para a caridade através de corridas e torneios de beneficência. E além disso, vivia com a mulher, Dee. E sempre fora exímio em esconder o nosso «caso». O nosso primeiro beijo foi no vestiário por trás do dojo. Eu tinha 14 anos e foi quase um ano depois de começar a ter aulas de karaté, mas fodemos pela primeira vez em...

Não voltes a usar essa palavra, irrompe a voz do Mike na minha mente.

Foder é sexo sem emoção, Louise. Isso é coisa que eu não faço e de certeza que não é algo que possamos vir a fazer. Quando passarmos uma noite juntos pela primeira vez, será porque nos amamos e iremos expressar isso através...

Ligo o rádio e rodo o botão para a direita. O som explode das colunas em fúria, fazendo-me os tímpanos latejar, mas não baixo o som. É uma canção que mal conheço, mas canto-a na mesma, gritando palavras sem sentido enquanto a voz do Mike se insinua por entre as notas, exigindo ser ouvida.

O Mike pode não me ter levado a casa dele, mas eu sabia onde ele vivia. Sabia tudo sobre ele, ou tanto quanto uma rapariga de 14 anos sem acesso à Internet podia saber, e escrevi tudo no meu diário. Eu escutava as conversas entre os pais e os outros *sensei*. Fazia descontraidamente perguntas sobre ele aos alunos mais velhos e, durante os raros momentos em que estava sozinha com o Mike, absorvia em êxtase tudo o que me dizia. Isso muito antes de nos beijarmos pela primeira vez. Muito, muito antes.

Ao virar à direita e sair de New Mills Way — a uma rua onde fica a casa do Mike — a minha determinação desaparece e é substituída por um vazio de terror. O que estou a fazer? O meu plano era deixar passar duas semanas — enquanto organizava a casa do meu pai e começava a trabalhar — antes de procurar o Mike. Pesquisei-o no *Google* antes de vir para cá para me certificar de que não mudara de nome nem passara à clandestinidade. Mas não. Ainda vive na mesma casa em que vivia há 18 anos e tem uma empresa — Hughes Removals and Deliveries — nos subúrbios de Malvern. Felizmente já não dá aulas de karaté.

Estaciono e deixo-me cair sobre o volante, enquanto o ar me sai todo do corpo de um só suspiro. Não faço ideia do que me esperará ao bater-lhe à porta. Pode ser a mulher do Mike a abrir. Ou um dos filhos — se tiver algum. O que digo, se assim for? *Olá, sou a Louise, a rapariga que o teu pai aliciou. Ele está?*

Não sei por que motivo me culpas de tudo. Tu sabias no que te estavas a meter.

«Cala a boca», digo eu à voz. «Eu tinha 14 anos. Eu não sabia nada de nada.»

Se fiz uma coisa assim tão terrível porque não depuseste no meu julgamento?

«Porque estava aterrorizada com o que podias fazer se não fosses condenado.»

Isso é mentira, não é? Não depuseste porque me amavas.

«Não, não é verdade.»

Foste tu que disseste que me amavas primeiro. Que querias casar e ter filhos comigo. Sabes porque não consegues que nenhuma relação funcione? E porque despachaste o Bem? Porque ainda me amas.

— Não. — Dou um soco com o punho no volante, apertando a buzina para bloquear o suave murmúrio da voz do Mike dentro da minha cabeça. — Não amo. Não amo.

Sinto-me a transpirar das axilas ao empurrar o portão da casa do Mike e subir o caminho de acesso. Se a mulher atender, não a vou reconhecer. Não há fotografias dela na Internet e a minha mãe não me deixou sequer espreitar as notícias nem a primeira página de nenhum jornal depois do julgamento. E tão-pouco tinha telemóvel ou computador em 1989.

Mas e se a Dee Hughes me reconhecer? Nunca foi ao dojo nem a nenhum torneio, mas deve ter tentado descobrir quem eu era. E se desatar a gritar na minha cara que lhe arruinei a vida? Quando olho para as minhas fotografias com 14 anos, mal me reconheço. A minha cara era suave e redonda, o cabelo escuro e cortado pela nuca, como a Chanel usava, com uma franja grossa e pesada. Hoje em dia tenho-o menos escuro e mais comprido, com cachos mais claros que me caem por cima das maçãs do rosto, e os meus maxilares são mais definidos do que há 18 anos. Mas não foi só a minha cara que mudou. O corpo de curvas suaves que eu tanto desprezava quando era adolescente desapareceu. Num dia bom, posso olhar-me ao espelho e dizer a mim própria que sou esguia. Num dia mau, o meu corpo surge-me como mirrado e andrógino, como se os anos tivessem destruído a minha feminilidade.

Dou três pancadas na porta da frente. Já imaginei este momento mil vezes. Às vezes, o Mike parece chocado por me ver. Outras, começa

a chorar. Uma vez, esfaqueei-o antes de ele poder falar. Concentro-me na tinta vermelha espessa e brilhante e respiro fundo. Se o Mike espreitar por trás de uma cortina, quero que me veja confiante, sem hesitações nem tremuras. Quero acabar com isto já, antes de ser ainda mais esmagada pelo insustentável peso das memórias. Tenho de o fazer enquanto ainda me sinto com coragem. Podemos falar à entrada da porta ou no *pub* ao fundo da rua. Se me convidar a entrar, direi que não. Mesmo que esteja sozinho em casa. *Especialmente* se estiver em casa sozinho.

«É ela», grita alguém quando saio da esquadra francesa. *Flashes iluminam o céu escuro ao mesmo tempo que sou ensanduichada por quatro polícias e levada para um carro preto. É a rapariga que fugiu com o professor de karaté.*

— Sim?

Tenho a vaga noção de uma voz, uma pergunta lançada por um barítono masculino, mas a minha mente não regista o facto. Não regista nada.

Preciso de descobrir onde está o Mike. Também o trouxeram para aqui? Está a ser interrogado por trás de uma daquelas portas bege?

— Você aí à porta do número 59!

Viro-me lentamente. É um homem de 50 e muitos anos, na janela do primeiro andar da casa ao lado da do Mike. A parte de cima do corpo está nua e tem o cabelo molhado e penteado para trás, como se tivesse acabado de sair do duche. Tento afastar a imagem do Mike, para me transportar mentalmente para a frente no tempo, mas a recordação ainda me tem presa, como os últimos vestígios de um sonho. Ou pesadelo.

— Anda à procura do Mike? — pergunta o homem.

Digo que sim ou que não? Não faço a mínima ideia de quem é esta pessoa.

— Ando, sim.

— É amiga?

Sorriso, tensa.

— Uma velha amiga.

Os olhos dele olham-me rapidamente da cabeça aos pés, e sorri lascivamente.

— Sorte a do Mike.

Ignoro-o e começo a dirigir-me para o meu carro.

— Está a trabalhar — grita o homem, fazendo-me virar quando já estou a pôr a mão na porta do condutor. — Em Greensleeves, o centro de jardinagem. Aos sábados faz-lhes as entregas e recolhas. — Não faz qualquer referência à mulher do Mike, mas não vou perguntar.

— Quer ir tomar um copo um destes dias? — acrescenta quando já estou a entrar no carro. — Para me agradecer como deve ser?

Ainda penso em gritar-lhe um insulto qualquer, mas não tenho tempo para lhe explicar porque é que nenhuma mulher no seu juízo perfeito havia de sair com um idiota que faz propostas indecentes de uma janela. São 17h30. Tenho de descobrir onde fica o centro de jardinagem antes que feche. Tenho de encontrar o Mike. Já. Antes que o medo se volte a instalar.

Capítulo 4

Lou

Tiro o uniforme dentro do carro, fazendo manobras de contorcionismo para despir a saia da escola e puxar as calças de ganga para cima. Quando solto o cinto de segurança para tirar a camisa, o Mike repreende-me.

— Mas que raio estás tu a fazer? Estamos na autoestrada, por amor de Deus.

Apresso-me a voltar a pôr o cinto de segurança, mas as lágrimas picam-me nos olhos enquanto tento vestir a camisola. Era suposto ser um fim de semana romântico e ele acaba de me descompor como se estivesse a portar-me mal na aula.

— Desculpa. — O Mike pousa-me uma mão no joelho. — Não queria fazer-te chorar. Só não quero que nada te aconteça, Lou. Tu significas tudo para mim. Sabes isso, não sabes?

Digo que sim com a cabeça, mas não lhe aperto a mão. Continua no meu joelho como um peso morto até que é obrigado a levantá-la outra vez para acionar o pisca e mudar de faixa.

Empurro as portas do centro de jardinagem Greensleeves. Ao entrar, a mulher de polo vermelho por trás do balcão avisa-me que vão fechar dentro de pouco tempo. Ignoro-a e apresso-me a dar

uma volta à loja, mal reparando nas prateleiras de comida para aves e ornamentos, e no mobiliário de jardim e plantas de interiores em exposição. Só resta uma cliente, uma mulher com uma grande barriga de grávida que empurra um carrinho cheio de fertilizante e vedação decorativa com plantas de canteiro empilhadas em cima.

Olho para o relógio ao passar pelas grandes portas duplas junto ao restaurante. 17h53. Faltam sete minutos para fecharem. Se o Mike não estiver aqui fora, no pátio entre as plantas, arbustos e madeira, vou por trás para ver se há algum cais de carga. Não quero ter de voltar cá ou ir à casa dele outra vez. Quero despachar já isto.

Caminho pelos corredores, parando para perscrutar cada um deles. A loja está deserta. Vou só dar uma última volta ao pátio e depois vou à volta...

É o contraste do azul entre o castanho e verde que me faz parar. Estou no extremo mais afastado do pátio, ao lado de uma palete mais elevada com arbustos esculpidos e árvores parecidas com salgueiros em vasos decorativos. A cerca de dois metros há seis cabanas e abrigos, em fila como sentinelas, diretamente à minha esquerda. Um homem de cabelo branco com uma t-shirt azul acaba de entrar para dentro de um abrigo.

Sinto uma forte pontada no peito, como arame farpado a dilacerar-me a caixa torácica. É ele. É o Mike. Foi apenas um breve vislumbre antes de as portas se fecharem atrás dele, mas o suficiente para assimilar o cabelo branco e espesso, as rugas profundas de cada um dos lados da boca e a maneira como coxeava ao andar. Deve ter 49 anos, mas parece mais velho. Muito mais velho do que me recordo, mas sei que é ele. Tenho a certeza.

Baixo-me e espreito por entre dois arbustos. Ao contrário das duas cabanas de madeira que estão de cada lado, o abrigo tem portas duplas de PVC branco e duas janelas altas. Quando o Mike passa por uma das janelas, outra pessoa sai das sombras. Quando ela estende a mão para tocar na cara do Mike, ele olha por cima do ombro, na direção do pátio. Por instantes penso que me viu, mas volta-se para a mulher outra vez. Afasta-lhe o cabelo do lado da cara, segurando-lhe a nuca, e inclina-se para a beijar.

Beijam-se durante vários segundos, depois a mulher afasta-se e, num lampejo, vejo-lhe a cara. Cabelo castanho curto com franja grossa. O rosto tem linhas suaves. Faces cheias e carnudas. Calças de ganga justas mostrando coxas grossas. Um polo vermelho que lhe aperta uns seios grandes e rechonchudos. Não é mulher nenhuma. É uma criança. E não tem mais de 13 ou 14 anos.

Não irrompo pelo abrigo nem grito ao Mike que tire as mãos de cima dela. Nem desato a correr à procura de um funcionário. Em vez disso, viro-me e fujo, voando pelos corredores de árvores e arbustos, esbarrando nas plantas e evitando as estátuas. Só paro de correr quando alcanço a segurança do meu carro e golpeio o volante com os punhos até ficar com a pele vermelha e a latejar.

Nunca me odiei mais do que naquele momento.

Devia ter sentido raiva quando vi o Mike beijar aquela miúda. Ou asco. Em vez disso, senti-me traída. Estava a beijá-la da mesma maneira que me beijava: o afastar suave do cabelo, o segurar da nuca, o roçar de lábios provocante seguido por um beijo mais profundo e intenso ao mesmo tempo que a puxava para ele.

Tive de esperar muito tempo pelo nosso primeiro beijo. Ele afastou-se inúmeras vezes antes de os nossos lábios finalmente se encontrarem, rejeitando-me, dizendo-me que era demasiado nova e que não seria correto. A sua hesitação só me fez desejá-lo ainda mais. Costumava ficar deitada na cama a reviver cada toque, cada olhar langoroso e cada palavra doce. Passava um dedo pela boca e pressionava os lábios com dois dedos, imaginando o peso da boca dele na minha. Tinha 14 anos e nunca tinha sido beijada. Nunca o admiti perante ninguém na escola, mas os adolescentes cheiram a nossa fraqueza e medo da mesma maneira que os porcos cheiram as trufas e, não sei como, toda a gente o sabia. A perseguição e o gozo começaram quando eu tinha 13 anos, pouco antes de a mãe e o pai se separarem. Não faço ideia porquê. Num determinado momento eu era invisível, no seguinte estava no radar dos agressores. Foi o pai que sugeriu as aulas de karaté. Dar-me-iam um ar de autoconfiança, disse ele, mesmo que nunca usasse os golpes. Um ar de autoconfiança? Só podia ser uma piada.

Sobressalto-me quando uma carrinha verde-escura entra no estacionamento. Faz inversão de marcha e depois estaciona perto da saída. O condutor não sai, mas abre a janela para soltar a cinza do cigarro. Ao fazê-lo, a porta do centro de jardinagem abre-se e a rapariga que vi no abrigo dirige-se para o parque de estacionamento.

— Chloe! — berra o homem da carrinha, inclinando-se para fora.

A rapariga atravessa o parque a correr.

— Desculpa, pai, desculpa — diz ela enquanto contorna o carro.

— Há séculos que estou à tua espera. Entra.

Mentira.

— Pediram-me que ficasse a trabalhar até mais tarde — diz a rapariga ao abrir a porta do carro. — Não podia simplesmente...

— o resto da frase perde-se quando entra no carro e bate a porta.

Enquanto o carro se afasta lentamente, com o pisca direito ligado, olho para trás, para a porta do centro de jardinagem. Espero que o Mike saia ou vou atrás da rapariga?

A carrinha entra na estrada e eu ligo o motor do carro.

Capítulo 5

Chloe

Chloe suporta o discurso inflamado do pai todo o caminho até casa. Que é estúpida. Que não tem nenhum sentido de responsabilidade. Que é egoísta. Que é gorda. Que a maioria das raparigas de 13 anos ficariam gratas por terem um emprego depois das aulas. Que ele espera que ela seja mais pontual quando o chefe lhe pede para fazer alguma coisa. Que o Mike é amigo dele, mas que não tinha de o ajudar a encontrar um emprego depois das aulas para a parva da filha. E que, se for despedida, isso irá refletir-se negativamente nos dois.

Ela tenta ignorá-lo, olhando pela janela e perdendo-se no borrão verde da sebe, mas cada vez que vira a cabeça, o pai grita-lhe que olhe para ele quando fala com ela.

Odeio-te, pensa ela ao olhá-lo nos olhos. És um brutamontes. Intimidado a mãe e intimidado-me a mim. A única pessoa que não intimidado é o teu precioso Jamie, que é igualzinho a ti. Com 7 anos é demasiado novo para perceber que o pai é um imbecil. Acha que o pai não faz nada de mal, e assim será enquanto ainda ficar impressionado pelos bilhetes para os jogos dos Wolves, por coleções de cartões de futebol e idas ao McDonald's só de pai e filho. Ela gostava que, quando Jamie chegasse à adolescência, as palas que tem nos olhos lhe caíssem e ele percebesse que não é aceitável destratar mulheres.

Mas lá está, ainda ontem, quando ela lhe pediu que pusesse o prato na máquina de lavar louça depois do jantar, ele respondeu-lhe: «Porque é que havia de o fazer? O pai não o faz!»

Chloe passou muito tempo a tentar perceber por que razão o pai e Mike eram amigos. Não podiam ser mais diferentes. O seu pai, Alan, é áspero e rude. Mike é suave e bondoso. O pai critica-a e fá-la sentir-se uma inútil. Mike diz-lhe que é bonita e fá-la sentir que podia fazer o que quisesse na vida. Mas nem sempre sentiu tanto afeto por Mike. Costumava ignorá-lo quando ia a casa deles para um churrasco ou para beber umas cervejas com o pai no jardim. Aturar o pai já era mau que chegasse, porque havia de querer conversar com um dos seus compinchas imbecis? E quando o pai sugeriu que ela arranjasse um emprego ao fim de semana e depois das aulas no centro de jardinagem, ficou horrorizada. Num centro de jardinagem? Haveria perspetiva mais chata do que essa? Além disso, tinha trabalho de casa para fazer depois das aulas.

«Não é que algum dia vás ser a melhor aluna da turma...» ripostara o pai. «Mesmo que fizesses trabalhos de casa o resto da vida. Ganha experiência no retalho agora, enquanto podes.»

Fora a mãe quem finalmente a convencera a aceitar o trabalho.

«Sempre sais um pouco de casa», dissera ela suavemente. «E podes fazer novos amigos.»

Chloe não tinha a certeza de querer travar amizade com pessoas que trabalhavam num centro de jardinagem, mas a ideia de evitar o pai durante 16 horas por semana era apelativa. E ganhar algum dinheiro para não ter de lhe pedir a ele também.

Quando o carro chega finalmente à rua deles, Chloe fica sentada, à espera de que o pai lhe diga que pode sair, e depois corre pelo caminho acima para dentro de casa.

— Mãe! — anuncia ela. — Já cheguei!

Espreita para a sala de estar e vê Jamie sentado na carpete em frente da televisão, com o comando colado às mãos.

— Jamie, onde está a mãe?

— Foi para a cama. Está com uma enxaqueca. Outra vez.

Chloe sobe a escada depressa, dois degraus de cada vez, e empurra suavemente a porta do quarto dos pais. As cortinas estão corridas

e o quarto está às escuras, mas consegue distinguir a forma da mãe enroscada de lado na cama. Está a dormir profundamente. Chloe mete a mão no bolso de trás e tira o telemóvel para ver as horas. 18h17. Interroga-se se Mike já estará em casa. Não que saiba onde é que ele mora. Quando lhe perguntou onde vivia e se tinha família, ele simplesmente abanou a cabeça e respondeu: «A única coisa que precisas de saber é que vivo uma vida solitária. Corrige-me se estiver errado, mas acho que tu entendes bem o que isso é.»

Ela desviara o olhar, incapaz de aguentar a intensidade do olhar dele.

— Chloe! — berra-lhe o pai do andar de baixo. — Se a tua mãe não pode fazer o jantar, és tu que o vais fazer.

Chloe olha para a mãe, a cara e ombros relaxados e a respiração pesada e lenta, e depois volta a descer as escadas.

Capítulo 6

Lou

Qualquer tensão entre mim e o Mike desvanece-se assim que o ferry se afasta do terminal e podemos sair do carro à vontade. Ele agarra-me na mão e conduz-me, quase me arrastando escadas acima para o convés.

— Vamos ver se damos com o salão de jogos. — Está radiante, com as covinhas a fazerem-se notar no rosto com a barba por fazer. — Se tiverem aquelas máquinas de pescar objetos, vou tentar ganhar um peluche para ti.

Andamos de jogo em jogo — tiro, carros e dança. O Mike ganha no tiro. Eu ganho na dança. Também ganho nos carros quando faço batota e lhe puxo o volante, fazendo-o ficar virado para trás. Não se importa. Puxa-me para o colo, e sem se importar com o facto de alguém poder estar a olhar, cobre-me a cara de beijos. Depois de experimentarmos todos os jogos, tentamos a sorte no penny shove². Primeiro trabalhamos em equipa, mas depois competimos um com o outro para ver quem consegue lançar moedas mais longe. Quando as nossas moedas começam a tombar do rebordo do tabuleiro, o Mike envolve-me a cintura com um braço e levanta-me do chão.

— Vamos celebrar em estilo! — ri ele. — Os hambúrgueres são por minha conta.

² Jogo muito comum nos *pubs* ingleses, no qual se jogam moedas sobre um tabuleiro de madeira. [N. T.]

No restaurante, pede hambúrgueres, batatas fritas e batidos. Consigo que o Mike molhe as batatas fritas dele no batido («nojento») e ele desafia-me para ver quem consegue dar a maior dentada. Vi muitos lados diferentes da personalidade do Mike nestes 18 meses que o conheço. Já o vi pensativo, sensível, bondoso e rigoroso (mas só no clube). Mas nunca o vi assim. O seu lado brincalhão é surpreendente. É como se fôssemos da mesma idade.

Mas não dura muito. Quanto mais o ferry se aproxima de Calais, mais calado o Mike fica e quando o carro atravessa a rampa, ele devolve-me um «espera» agressivo quando pergunto para onde vamos. Enquanto o funcionário da alfândega verifica os nossos passaportes, fica imóvel, com o corpo hirto. Está preocupado, mas não devia estar. No que diz respeito à minha mãe e ao meu pai, eu fui para um acampamento de karaté. Desde que volte a casa no domingo à noite, para eles está tudo bem.

— É a minha sobrinha — diz o Mike quando os olhos do homem de uniforme passam dele para mim.

— Oui — digo eu, oferecendo-lhe o meu melhor sorriso.

O Mike estremece ligeiramente, como se estivesse irritado comigo, mas mantém os olhos fixos na cara do homem.

— Merci. — Devolve o passaporte e faz um gesto para prosseguirmos.

Quase vomitei quando entrei no parque de estacionamento da esquadra de Malvern, mas a raiva fez-me sair disparada do carro para dentro do prédio. Só Deus sabe o que o subchefe de serviço pensou de mim quando cheguei disparada à secretária e exigi falar com alguém urgentemente. O coração quase me sai do peito e em vez de falar de forma inteligível, articulo um discurso sem sentido, com a voz a encher a pequena sala bege. A inspetora Hope não diz uma palavra. Ouve-me atentamente, com os olhos pregados em mim e a caneta pousada no bloco de notas que tem no colo.

— Aconteceu no centro de jardinagem de Greensleeves perto de Powick — explico. — Imediatamente antes do fecho. O nome do homem é Michael Hughes. Não sei o apelido da rapariga, mas o primeiro nome é Chloe. Ouvi o pai a gritar-lhe quando a foi buscar. Segui-os até casa no carro. A morada dela é 29, Missingham Road. É a que sai...

A inspetora Hope levanta uma sobrancelha.

— Você seguiu a rapariga até casa?

— Claro. Estava preocupada com ela. Pensei que se soubesse onde ela vive, depois podia passar a informação à polícia.

— Porque não perguntou a outro funcionário? Acaba de me dizer que pensava que ela trabalhava lá. Que estava com o mesmo polo vermelho da mulher da caixa registadora.

— A mulher da caixa não estava lá quando saí.

O peito aperta-se-me quando a mentira me sai da boca, mas que mais posso dizer?

A inspetora está a olhar para mim como se eu estivesse tresloucada. Será que fiz alguma coisa de errado? Uma pessoa normal não teria seguido Chloe até casa?

— O que é que fez depois de a seguir até à casa dela?

— Vim diretamente para aqui.

— Muito bem. Então, vamos voltar ao início — diz a inspetora, pegando na caneta. — A senhora estava no centro de jardinagem e viu um adulto beijar uma adolescente?

Tento engolir, mas tenho a boca seca. Estar nesta sala bege sem janela devolve-me recordações que eu preferia não trazer à tona e preciso de toda a minha força de vontade para não fugir.

— Sim, tal como já disse. Ele entrou num daqueles abrigos de jardim. Ela já lá estava. Ele olhou em volta para se certificar de que ninguém estava a ver e depois beijou-a.

— E a que horas foi?

— Eram quase 18 horas.

— E este... — olha para baixo — Michael Hughes. Ele também trabalha no centro de jardinagem Greensleeves?

— Não. Ele tem uma empresa de entregas. Mas penso que faz algumas das entregas deles.

— Então conhece-o?

— Eu...

Não lhe posso dizer a verdade. Eu disse ao subchefe que o meu nome é Lou Smith e não Lou Wandsworth.

Não quero falar sobre o que aconteceu entre mim e o Mike. Só quero que a polícia impeça que aquilo volte a acontecer.

— Lou? Está bem? — pergunta a inspetora, inclinando-se para a frente na cadeira, com os olhos a perscrutar-me a cara.

— Sim, só estou com um pouco de calor.

Tiro um lenço de papel da caixa que está em cima da mesa e limpo a testa. O facto de o Mike beijar aquela rapariga é culpa minha. Se tivesse deposto contra ele, ele poderia ter levado uma pena maior. Se calhar ainda estaria na prisão. Passei os últimos 18 anos a dizer a mim própria que o que aconteceu foi um caso único, que o fizera por minha causa. Não me permitia — não podia — acreditar que ele faria o mesmo a outra pessoa.

— O que é que não me está a dizer, Lou? — pergunta a inspetora Hope. — Qual é a sua relação com este homem?

— Não tenho nenhuma relação. Vim aqui para participar o que me pareceu ser um abuso de menores. Só isso. Achei que era a minha obrigação.

— Então, como sabe o nome e a profissão dele?

— Porque já usei a empresa dele para mudanças.

As mentiras estão a fluir agora. Porque terei pensado que isto era uma boa ideia? Não refleti devidamente. Nunca devia ter voltado cá.

— E reconheceu-o quando o viu no abrigo?

— Sim. Porque é que me está a fazer todas estas perguntas?

— Só estou a tentar apurar corretamente os factos. — O olhar dela não vacila. Não diz nada durante vários segundos. Está a tentar fazer-me falar, mas eu já disse demasiado. — A questão é esta, Lou, precisamos de provas para prender uma pessoa e se houver alguma coisa que não me está a dizer, vai tornar-me a tarefa muito mais difícil.

— Ele é um pedófilo. Já cumpriu pena por raptar... — paro. Tenho o coração a bater com tanta força que tenho a sensação de estar à beira de um ataque de pânico. — Outra rapariga.

A inspetora arqueia as sobranceiras ao escrevinhar no bloco de notas.

— E quando foi isso? Sabe?

— Há muito tempo. Olhe, já lhe disse tudo o que sei. Eu só estava a tentar fazer o que está certo. E vir aqui e contar o que vi parece-me a coisa acertada a fazer.

Ela olha para mim demoradamente e depois levanta-se.

— Está bem, Lou. Já tenho o suficiente para começar. Depois dar-lhe-ei notícias.

«Aterrorizador, emocionante, com um ritmo imparável e reviravoltas inesperadas que nos tiram o fôlego. Um final brilhante e de fazer parar o coração.»

HEAT

Quando Ben, o novo namorado de Louise, a tenta levar numa viagem-surpresa a França, ela entra em pânico, sai do carro e foge. Ben não entende. Não pode entender, porque não sabe o que aconteceu a Louise da última vez que um namorado a levou pelo canal da Mancha. Ela tinha 14 anos. Mike tinha 31. E o que aconteceu deixou marcas em Louise para sempre.

Hoje com 32 anos, Louise nunca conseguiu ter uma relação estável. Guarda o seu segredo inconfessável dentro do peito e, por isso, ninguém a conhece verdadeiramente. Depois do que aconteceu com Ben, decide fugir do mundo e isolar-se. Abandona Londres, deixa os amigos e começa a procurar um novo emprego perto da casa onde cresceu, que agora lhe pertence.

Ao instalar-se, descobre que Mike, agora com 49 anos, ainda vive e trabalha na vila. Quando o vê a beijar uma rapariga de 13 anos, Louise decide que já chega.

Está na altura de Mike sentir o medo com que Lou vive desde aquela viagem.

**Leia também,
da mesma autora:**



TOPSELLER

os livros em primeiro lugar

20|20 editora

ISBN 978-989-8917-24-9



9 789898 917249

Thriller